

O FEMINISMO ACOLHE A COMPLEXIDADE: UM OLHAR SOBRE AS EMERGÊNCIAS FEMINISTAS EM REDE DIGITAL¹

Jéssica Oliveira Pereira²;

As vozes do digital – o que emerge do feminismo

Pensar o movimento feminista também como um fenômeno comunicacional faz sentido quando pensamos em um conceito de comunicação que se refere à maneira em que as pessoas e grupos interagem simbólica e discursivamente. Trazendo ao centro da discussão a categoria “mulher” e tudo do que dela decorre, há no movimento uma circulação de discursos que são simbólicos, logo, que produzem sentido sobre algo a alguém, mesmo que opere em uma condição de possibilidade, ou seja: há um campo que transcende o imanente, o campo das singularidades, em que há um processo de individuação do processo discursivo, mas também há, ao mesmo tempo, campos de enunciados passíveis de serem verificados numa determinada época, que são condicionados semioticamente pelos discursos em voga. Com isso, assume-se aqui, em inspiração foucaultiana, que, no próprio feminismo, existe uma disputa entre o que se fala e o que se vê, e essa disputa é caracterizada pelo agenciamento dos enunciados, identificáveis pelo o que é performado por grupos e/ou sujeitos de forma processual e dinâmica (DELEUZE, 1992).

Observar o que emerge desses discursos, portanto, nos auxilia a verificar o que há em disputa no movimento feminista e, a partir daí, analisar quais os agenciamentos adotados para representar a luta das mulheres como um todo. É por isso que a análise em redes digitais se mostra adequada por dois principais motivos: o feminismo também se faz na cibercultura, esta entendida aqui como o aparato tecnológico que complexifica a realidade ao trazer a possibilidade de uma comunicação sem limites físicos, um “espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea” (LEMOS, 2013; p. 128); e, o segundo motivo é que, justamente pelas especificidades desta cultura digital, o movimento tem maior facilidade para se engajar em rede, além de usar as especificidades das redes digitais para manifestar suas posições de maneira tão mais ampla, que o alcance de seus *posts*

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático 49 – Ciberativismo e feminismo II do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela UNAMA e especializada em Redes Digitais, Terceiro Setor e Sustentabilidade pela USP. E-mail: jessicaoliveirajw@gmail.com

não se limita apenas às participantes interessadas³, mas que se amplia pela possibilidade da conversação em rede a qual permite uma ampliação das conexões a laços sociais (RECUERO, 2012), que não sejam necessariamente representados pela militância na causa feminista. Estes laços entendidos aqui como utiliza ainda Recuero: “uma conexão que é estabelecida entre dois indivíduos e da qual decorrem determinados valores e deveres sociais” (ibidem; p. 129).

Por meio da abordagem da complexidade, então, foi verificado “o jogo múltiplo das interações e retroações.” (MORIN, 2011; p. 13) presentes em páginas feministas no *Facebook*, chegando a duas conclusões metodológicas para a análise proposta neste trabalho:

1. O corpo como viés da análise, por ser entendido como ponto nodal⁴ na maioria das postagens, além de ser identificado como uma das maiores problemáticas no exercício ou não da complexidade no feminismo – a questão do gênero inerentemente perpassa por certo entendimento e apreensão do corpo;

2. A seleção de cinco páginas que se definem em vertentes ou intersecções específicas do movimento feminista, para as seguintes verificações: se elas agem em rede e quais agenciamentos utilizam para os enunciados relacionados à causa. São elas: “Feminismo Radical Didático”⁵, “Transfeminismo”⁶, “Blogueiras Negras”⁷ e “Nós, mulheres da periferia”⁸.

Sobre as redes - estrutura e emergência

As quatro páginas analisadas são assumidamente feministas, fazendo parte de um agrupamento maior. Já foram verificadas mais de 80 páginas feministas no *Facebook*, a maioria caracterizada por um comportamento emergente – após serem criadas, compartilham alguns conteúdos, e então, ou são abandonadas ou diminuem a frequência de *posts* e compartilhamentos de maneira abrupta. Isso não quer dizer que suas postagens são irrisórias ou que não fazem diferença na rede feminista presentificada em redes digitais. Seus conteúdos fazem parte de um contexto de “conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos”. (RECUERO, 2012; p. 121). Assim, funcionam como uma espécie de

³ Em casos gerais, utilizarei os substantivos e adjetivos no feminino por uma tentativa de subversão à língua normativa, predominantemente masculina e excludente.

⁴ Este entendido como aquele que “unifica o campo, dá sentido às ações a partir de seu funcionamento, de sua aceitação no cotidiano.” (PRADO, 2013; p. 98).

⁵ www.facebook.com/feminismoradicaldidatico

⁶ www.facebook.com/Transfem

⁷ www.facebook.com/blogueirasnegras

⁸ www.facebook.com/nosmulheresdaperiferia

corpos-multidão, que se aglutinam em determinados momentos para disseminação de informações, sem uma liderança específica, e, após agirem na lógica comunicacional da rede, se dispersam e reproduzem o que é assimilado a partir dali de outras maneiras, nem sempre captáveis a olho nu.

Novos contornos surgem para o movimento feminista quando observamos que suas manifestações nem sempre se dão por meio de ações de coletivos, lideranças ou por um modelo de comunicação que segue regras rígidas. Na verdade, as emergências facilitadas pelo aparato tecnológico e por toda a rede estruturada em meios digitais tornam explícitas as interações conversacionais, estas como influenciadoras determinantes nos processos comunicacionais. Ou seja, não são exatamente os discursos oficiais – programados, síncronos e unilaterais – que determinam a estrutura de uma rede e sua emergência como potente enunciadora discursiva, mas sim as interações que decorrem a partir das conexões e compartilhamentos.

O que se observa por meio dessas páginas é que há feminismos emergentes e seus agenciamentos em relação ao corpo são manifestos de maneiras diferentes, muitas vezes opostas, o que mostra que a complexidade das redes também é concernente aos discursos e não apenas às suas estruturas. As páginas escolhidas para esta análise, por exemplo, fazem parte da mesma rede, que é o *Facebook*, mas nem sempre dialogam entre si. Em contrapartida, quem acessa a essas páginas, muitas vezes é alcançada por postagens de páginas com conteúdos rivais em relação aos seus posicionamentos – comunicação essa que pode ser entendida como muito mais interessada pelo o que foi postado do que pela página que postou. Observa-se aí um interesse comunicativo muito mais ligado ao conteúdo do que a quem o profere, uma queda das grandes figuras enunciativas e ascensão da influência mesma dos discursos. Poderíamos, pois, caracterizar os laços criados a partir dessas ações comunicacionais como associativos que, “apontam para os laços fracos, ou seja, aqueles que não possuem quase interação, mas que geram valor (por exemplo, trazem informações externas) e influenciam as redes sociais. (ibidem; p. 133).

As páginas escolhidas aqui apresentam discursos e enfoques distintos em relação ao corpo. “Blogueiras Negras” fomenta um debate em relação a um feminismo ancorado na raça, já “Nós, mulheres da periferia” traz um discurso feminista com enfoque na questão de classe, “Transfeminismo” busca a visibilidade trans⁹ no movimento e “Feminismo Radical” representa uma vertente do feminismo que limita a concepção de gênero a um purismo do que

⁹ O termo é usado sem sufixo por querer abranger todas as identidades trans (transexual, transgênero, mulher trans, homem trans, etc.), inclusive acolhendo às identidades que não se identificam no sistema binário de gênero, pessoas que não se identificam nem como homem e nem como mulher.

é ser mulher, ou seja, é uma página contrária à anterior. Sendo intersecções do feminismo, essas páginas emergem representando algo maior, manifestações que complexificam o feminismo em uma macroescala, considerando que “um sistema só seria considerado verdadeiramente emergente quando todas as interações locais resultassem em algum tipo de macrocomportamento observável.” (JOHNSON, 2003; p. 15). Essas vertentes são observáveis, social e politicamente, inclusive além do *Facebook*, mas também na rede. Não à toa, essas páginas têm milhares de curtidas - até a conclusão deste trabalho, “Blogueiras Negras” era a página mais curtida com 230.214 curtidas e “Nós, mulheres da periferia” a que tinha curtidas em menor quantidade, mas ainda com um número expressivo, 20.338. Contata-se que são simbólicas em macroescala, agem semioticamente na produção discursiva dos feminismos afins, construindo noções de realidade para o movimento, que complexificam o movimento de forma a se ter facilidades e entraves para ações políticas mais efetivas. Como principal entrave, aponto um demasiado separatismo entre as intersecções do movimento, ficando cada vez mais difícil uma penetração política unificada, mais transformadora e emancipatória. Isso é percebido nas conexões entre as páginas analisadas. As páginas “Blogueiras Negras” e “Transfeminismo” se seguem reciprocamente e a página “Nós, mulheres da periferia” segue “Blogueiras Negras”. “Feminismo radical”, por sua vez, não segue nenhuma das outras três. Essa não conexão na rede mostra, por exemplo, que essa vertente do movimento tende a não aproveitar as possibilidades cooperativas propiciadas pela comunicação em rede, como explica Holmes (2016), ao elaborar como se dão as dinâmicas em âmbito reticular:

Finalmente, a política de movimentos sociais consiste em uma coordenação colaborativa ou “auto-organização” de todo esse conjunto de práticas, reunindo forças, orquestrando esforços e ajudando a desencadear eventos e a lidar com suas consequências. Essas diferentes vertentes se interligam, condensam em gestos e eventos, e dispersam de novo, criando as dinâmicas do movimento.¹⁰

Ou seja, seria muito mais proveitoso aos movimentos sociais constatar a complexidade que se tem no movimento e justamente capturar essas interligações, afim de dinamizar o movimento, ampliando as dimensões criativas e buscando um novo campo de possíveis, no qual “[...] uma nova distribuição de potencialidades surgem e deslocam as oposições binárias

¹⁰ Tradução livre de “Finally, social movement politics consists in the collaborative coordination or “self-organization” of this whole set of practices, gathering forces, orchestrating efforts and helping to unleash events and to deal with their consequences. These different strands interweave, condense into gestures and events, and disperse again, creating the dynamics of the movement.”. Em <https://brianholmes.wordpress.com/2013/03/31/activism-schizoanalysis/#more-3120>.

expressando novas possibilidades de vida” (LAZZARATO, 2006; p. 48)¹¹. Portanto, o distanciamento da página “Feministas Radicais” de intersecções importantes para o feminismo mostra uma relutância à colaboração, limitando o campo de possibilidades e ainda a capacidade de auto-organização do movimento. Isso pode ser fruto de uma preocupação excessiva com uma ordem a ser expressa em sua luta, uma necessidade de um discurso categórico, sem fluidez e relutante com o que pode abrigar. Essa vertente do feminismo é caracterizada por rechaçar a complexidade em relação ao gênero, como veremos a seguir, mas talvez o que já precisa se considerar é que “[...] uma ordem organizacional (turbilhão) pode nascer a partir de um processo que produz desordem (turbulência).” (MORIN, 2011; p. 62). L

Agenciamentos dos corpos – os feminismos interseccionais

Nas primeiras postagens das páginas já é possível notar quais os enunciados que dão significação aos corpos, de acordo com cada vertente. O que as difere é que, enquanto as intersecções do movimento trans, das mulheres de periferia e das mulheres negras buscam uma abordagem afirmativa sobre o que defendem, as feministas radicais tem um viés muito mais da oposição e do enfrentamento. Ou seja, não focam apenas nas suas causas, argumentando seus anseios, mas se dedicam a rebater os discursos a que não concordam, dentro do próprio movimento feminista.

Por exemplo, um dos *posts* mais recentes, até o fim deste trabalho, destacava uma imagem com os dizeres “Nos existimos FORA DA fantasia masculina [sic]”¹². Na descrição, um pequeno texto que foi compartilhado de outra página, chamada “Stop Trans Chauvinism 2.0” que alegava que trans seria a mais nova manifestação da supremacia masculina. Para elas, as mulheres trans seriam ainda homens “personificando e atuando” o papel de coerção que a eles foi designado. O próprio texto não reconhece as mulheres trans no próprio exercício da linguagem ao permanecer se referindo a elas como “eles”, assim no trecho: “Eles estão exigindo que essa atuação seja reconhecida pela sociedade como a autêntica expressão do que é ser “mulher” – e estão conquistando essa exigência.”.

Em outra postagem, as feministas radicais publicam um *gif*. Nele, há uma mulher acenando um gesto hostil com as mãos ao mesmo tempo em que aparece a frase “Lésbicas também podem ter pênis.” Na descrição do *post*: “Não, não... homens não podem ser

¹¹ Tradução livre de “[...] una nueva distribución de potencialidades surgen y desplazan las oposiciones binarias expresando nuevas posibilidades de vida.”.

¹² Disponível em:

<https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/photos/a.1645647722366179.1073741828.1645014095762875/1772977456299871/?type=3&theater>

lésbicas, ;)”¹³, se referindo ao fato de que o movimento trans deixa bem definido que a ordem do desejo é diferente da questão de identificação do corpo. Por exemplo, para esta vertente, não é só possível como é justificável que um “homem” que se identifique como mulher, logo, uma mulher trans, possa sentir desejo por outra mulher – o que a configura como uma mulher trans lésbica. Assim, o campo da sexualidade, a orientação sexual, seria diferente do campo da identificação corpórea e social.

Com isso, nota-se que os agenciamentos discursivos das feministas radicais em relação ao corpo são os mesmos das instâncias de controle social: das ciências naturais e da medicina, que insistem em dizer que homens são apenas aqueles que possuem pênis e mulheres somente aquelas que possuem vagina, não considerando quaisquer perspectivas de construção social do gênero; do Estado, que baseia suas leis neste aparato biológico, legitimando a exclusão social e de acesso a direitos de grupos que não façam parte desta lógica; e da Igreja que limita seus discursos principalmente em relação à questão reprodutiva e não só corrobora para a segregação como age no sentido de um biopoder, ao elaborar discursivamente o que vale à pena viver e o que vale morrer. Nesse aspecto, as feministas radicais seriam agentes de uma sociedade da normalização e da disciplina ao querer “[...] reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos.” (FOUCAULT, 2002; p. 289). Seria uma tentativa de “[...] controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” (ibidem; p. 302).

Em contrapartida, a página “Transfeminismo” traz o corpo no discurso não como questão de problematização e confronto no feminismo, como faz a página citada anteriormente, mas o utiliza como a instância máxima que sofre com o machismo, o que as inclui de maneira incisiva e trágica. O corpo é onde o machismo extremo se manifesta, pois não se trata apenas de censurar e oprimir esses corpos, mas, inclusive, de aniquilá-los. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. Segundo pesquisa da ONG Transgender Europe, de 2008 a 2015 foram 770 mortes em solo brasileiro devido à sua condição de gênero (EUROPE, 2016). O descontentamento com essa realidade é manifesta nas postagens do grupo no *Facebook*. Um exemplo é do compartilhamento de um quadrinho que mostra uma mulher visitando o túmulo da amiga que é mulher trans. No último quadrinho, enquanto lamenta a morte, diz “É que ela continua tendo que lutar... Mesmo não estando mais aqui.”¹⁴. Ao dizer isso, aparece a imagem do túmulo com o nome “Paulo Silva”,

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/posts/1776721212592162>

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/Transfem/posts/994088687403416>

o que nos leva a concluir que a mulher trans não teve seu nome social reconhecido enquanto viva.

A perspectiva de um corpo vulnerável, marginalizado e não reconhecido é o viés das transfeministas. O que se reforça é a tentativa de um novo agenciamento, de uma nova relação com o corpo, um anseio que direciona o olhar a uma “mulheridade” que não é contemplada, um feminino que foge do determinismo e que, na verdade, circula pelos sujeitos e se manifesta nos corpos das mais variadas maneiras, sendo a mulher trans o modo mais subversivo desse feminino se manifestar. Há que se, inclusive, incluir as ciências nessa crítica, tendo em vista que elas precisam abarcar a complexidade e se livrar dos “ismos” que as limitam, como incide Morin (2011): “A unidade da ciência respeita a física, a biologia, a antropologia, mas quebra o discipulismo, o biologismo, o antropologismo.” (p. 50). Essas quebras, portanto, deveriam ser ainda mais persistentes no feminismo, como movimento de resistência. Seria, portanto, seu dever, uma abordagem que incluísse esses corpos marginalizados e femininos, lembrando que “A relação entre masculino e feminino não pode ser representada numa economia significativa em que o masculino constitua o círculo fechado do significativo e do significado.” (BUTLER, 2015; p. 33).

Há que se observar que as causas dos problemas diversos dessas vertentes confluem para o machismo e essa já basta como causa para unificar as lutas, obviamente sendo respeitadas as intersecções dos movimentos que é o que nos leva as páginas a seguir.

O destaque em “Blogueiras Negras” é o corpo negro. Nesse caso, as enunciadoras são as feministas negras que agem dentro do movimento contra o apagamento de mulheres não brancas da luta feminista. Para elas, o intuito não é dividir o momento, como agem as feministas radicais, mas “O que se reivindica é o direito de falar da realidade das mulheres negras no âmbito desses temas.” (KAHLO, 2016; p. 38), considerando os eixos temáticos já abordados no feminismo em geral. Em suas postagens, fala-se da hipersexualização do corpo da mulher negra, da valorização da estética afro-brasileira e da condição de vulnerabilidade desta população, que está à mercê, em um corpo que não só está mais suscetível a violências físicas, mas também psíquicas, como se destaca: “[...] a saúde mental também é afetada pelos marcadores sociais que definem o lugar do negro por meio de estereótipos discriminatórios, causando forte sofrimento psíquico.” (ibidem; p. 48). O conjunto de postagens reúne compartilhamentos de diversos *sites*, de uma forma articulada e que se percebe agindo em rede – em contato com os feminismos e com o movimento negro. Inclusive, há direcionamento às pessoas brancas que acessam a página, acolhendo-as, de maneira a explicar que os corpos brancos também são determinantes na causa negra e devem participar das redes

de ativismo negro, como neste trecho de uma publicação: “Precisamos quebrar a ideia de que o combate ao racismo cabe apenas aos negros, o racismo é um problema branco que precisa ser sanado.”¹⁵. Percebe-se, então, que, há exercícios pra se enfrentar os desafios do múltiplo e abrigar as complexidades que compõem tanto o movimento como toda a realidade que o cerca.

Por este lugar discriminado e esquecido, o corpo que pulsa desses *posts* é um corpo que quer se auto-afirmar, se fazer reconhecer e se incluir no debate feminista, com suas especificidades. Em um dos exemplos, tem-se uma argumentação em torno de como as crianças já assimilam um lugar excludente para si, posicionando seu corpo em não lugares: “Qualquer criança ao conviver em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade”¹⁶. Os enunciados decorrentes daí partem do princípio de que há um discurso hegemônico o qual exclui e age desde a infância na segregação e na naturalização da diferença. É por isso que coletivos, blogueiras, organizações e outras instâncias do movimento feminista negro são essenciais para que a interseccionalidade seja o viés “usado para estudar esse individuo muitas vezes atingido por múltiplas opressões.” (ibidem; p. 53).

Por último, “Nós, mulheres da periferia”, a página que traz o recorte de classe e que engloba todas aquelas que são excluídas, culpabilizadas por terem filhos, impostas a um lugar serviçal, que tem seus filhos mortos, que vão para a universidade para que suas mães possam voltar à escola. São as “Pobres, pretas, brancas, periféricas. Migrante, nordestina, baianinha, quilombola, indígena.”¹⁷. São uma complexidade de individualidades que são em conjunto, em uma sociedade capitalista que age por meio de modelos e que as vidas que não seguem esses referenciais valem somente pela “vida nua, pela vida biológica, e não por sua inserção na ordem simbólica.” (PRADO, 2013; p. 26).

Esta página dialoga muito com a anterior, afinal o lugar da mulher preta, como o das trans, é preferencialmente o lugar do periférico, do fora, do excludente. Por isso, os enunciados se assimilam, no sentido de identificação desse fascismo social e de uma ação de luta política e social que busque o reconhecimento destas mulheres que são postas em um lugar abjetal. Isso pode ser verificado no compartilhamento da matéria “Respeite meu parto: A assistência humanizada precisa chegar na periferia” que estampa uma imagem com os dizeres

¹⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/blogueirasnegras/photos/a.351861161586762.1073741825.296204403819105/906077226165150/?type=3&theater>

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/blogueirasnegras/videos/906054366167436/>

¹⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/nosmulheresdaperiferia/about/?ref=page_internal

“Somos as ‘mãezinhas’ que gritam nos corredores da maternidade”¹⁸, e na descrição do *post*: “Quanto mais jovem, mais escura e mais pobre, maior a violência no parto”. O direito básico de parir, portanto, é negado a essas mulheres periféricas que necessitam localizar seu lugar de voz na luta feminista justamente para lutar em âmbitos mais específicos. Afinal, não adianta lutar pela visibilidade da mulher na sociedade se nem mesmo como seres dignas de viver essas mulheres são identificadas. A luta dessa vertente, então, é também uma resistência a um capitalismo cognitivo, que se ampara no subsistema dos *media* e da publicidade para uma semiotização do mundo social baseada em figuras de sucesso e que perpetua a invisibilidade de quem esteja fora disso, como explica Prado:

Mostram-se mapas rumo ao sucesso, não a sua contraparte em mal-estar. Isso deve permanecer invisível, junto com a vida e o corpo dos gordos, dos muçulmanos, dos terroristas, dos transexuais, das lésbicas não consumistas, das ativistas pobres, dos deprimidos e tantos outros. Com o fim de universalizar o consumo advindo com a sociedade não repressiva, tal subsistema constrói regimes de visibilidade e de pseudointeração em que se apresenta somente o lado glamouroso da arte de se equilibrar num chão movediço, que brilha nos corpos soltos, bonitos, jovens, rejuvenescidos e turbinados, preocupados em cuidar da qualidade de vida, da beleza, da saúde e do prazer efêmeros; tais sentidos de brilho intenso buscam se incorporar nas personalidades discursivizadas a partir de significantes do sucesso e da riqueza e em seus emblemas. (ibidem; p. 35)

Estando fora disso, percebe-se ainda mais “a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2014; p. 82). Este corpo, que é retratado na rede digital e é atravessado por discursos (estes não existentes sem a aplicação de um poder) é também fruto de algo que é externo a ele, que o controla simbólica e fisicamente, e que deve ser intrinsecamente parte do movimento feminista.

Apontamentos para um não reducionismo do feminismo

Como se observa, uma das questões que norteia o feminismo, não apenas em sua militância, mas também em seu próprio arcabouço teórico, é o binarismo homem x mulher. Esta dicotomia nos direciona a um entrave de como o feminismo poderia acolher a complexidade. Neste aspecto, o complexo não se daria apenas no cerne do ser “mulher”, mas também nas próprias instâncias em que essas mulheres buscam visibilidade e se inserem na luta feminista - o que nos leva a pergunta: os feminismos interseccionais poderiam representar

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/nosmulheresdaperiferia/posts/563241503876033>

uma tentativa de acolhimento do complexo ou estariam eles se distanciando cada vez mais, de modo a hierarquizar ou categorizar com demasiado antagonismo os lugares de fala do feminismo?

Essas questões buscam um maior desenvolvimento teórico sobre o movimento, mas também esclarecimentos que ultrapassem a teoria e performem na linguagem, de modo a contribuir no âmbito político em que os movimentos feministas se inserem. É por isso mesmo que a complexidade se mostra como uma necessidade para o feminismo, como explica Edgar Morin, sobre a estratégia política, a qual “requer o conhecimento complexo, porque ela se constrói na ação com e contra o incerto, o acaso, o jogo múltiplo das interações e retroações.” (2011; p. 13).

Viu-se que os feminismos interseccionais comprometidos com suas causas específicas não se direcionam a uma militância segregacionista. Pelo contrário, investem em um debate com argumentações que são consideravelmente pertinentes ao movimento feminista – este, que deve ser comprometido não apenas com a luta contra o sexismo, mas também contra todas as instâncias que aprisionam a sociedade, num sentido de não respeitar a diversidade, o múltiplo, o complexo. Pois, essas são as mesmas causas geradoras do machismo e de outras injustiças sociais. É justamente por isso que Margareth Rago (2016) argumenta contra um reducionismo no feminismo:

Lutar contra a violência que sofrem as mulheres significa, a meu ver, não apenas enfrentar situações palpáveis como o estupro, a violência doméstica, a inferiorização, a humilhação e a exclusão física das mulheres, mas enfrentá-las também no plano simbólico e do imaginário social, transformando as formas misóginas e sexistas de pensar que hierarquizam o mundo e produzem regimes de verdade autoritários e excludentes. Significa dissolver as narrativas históricas masculinas, universalistas e binárias. (Disponível em: <http://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/09/01/o-feminismo-acolhe-foucault-margareth-rago/> Acesso em: 30/03/2016)

Nesse sentido, são necessárias incisivas críticas a um pensamento que naturaliza a diferença, como fazem as feministas (que se dizem radicais) de uma das páginas analisadas. Suas ações são paradoxais - querem a liberdade da mulher perpetuando opressões e limitando o feminino a determinismos biológicos e sociais. Sua emergência na rede nada mais é do que um dos sintomas de uma racionalidade preguiçosa ocidental, que “não sabe pensar diferenças com igualdade; as diferenças são sempre desiguais.” (SANTOS, 2007; p. 30). O mesmo autor fala da necessidade de “saber que uma luta pela igualdade tem de ser também uma luta pelo

reconhecimento da diferença, porque o importante não é a homogeneização, mas as diferenças iguais.” (ibidem; p. 63)

Além disso, observa-se que há um exercício de aprendizado no engajamento em rede. Mesmo com as contradições e alguns enfrentamentos ideológicos, as conversações têm amplitude, deslocando-se e adquirindo visibilidade. A apropriação das tecnologias digitais pelo feminismo deve continuar incessante, por essas serem parte do cotidiano e por possibilitarem um discurso ainda mais circulante pela sociedade. Porém, há que se manter a atenção para tendências que não dão abertura ao complexo, aquelas que têm visões limitadas e que representam impedimento aos feminismos interseccionais, estes dependentes de uma visão ampla e crítica de tudo o que insiste em um conservadorismo.

São, portanto, fundamentais os enunciados existentes nos feminismos interseccionais, pois estes dispõem de um forte arcabouço argumentativo que não só agregam ao movimento e a outros movimentos sociais como também contribuem para um olhar múltiplo e assim menos mutilador. “[...] quanto menos um pensamento for mutilador, menos ele mutilará os humanos. É preciso lembrar-se dos estragos que os pontos de vista simplificadores têm feito, não apenas no mundo intelectual, mas na vida.” (MORIN, 2011; p. 83).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar e revisão de Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DELEUZE, G. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

EUROPE, Transgender. **Reported Deaths of 1,933 Murdered Trans and Gender Variant Persons from January 2008 until September 2015**. Disponível em: <http://transrespect.org/wp-content/uploads/2015/11/TvT-TMM-Tables_2008-2015_EN.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Record, 2014.

HOLMES, Brian. **Blog Brian Holmes**. Disponível em: <https://brianholmes.wordpress.com/2013/03/31/activism-schizoanalysis/#more-3120>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

JOHNSON, Steve. **Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares**. Tradução de Mara Carmelita Pádua Dias. Revisão técnica de Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KAHLO, Coletivo Não Me. **#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LAZZARATO, Maurizio. **Políticas del acontecimiento**. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ: Fapesp, 2013.

RAGO, Margareth. **O feminismo acolhe Foucault**. 2015. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/09/01/o-feminismo-acolhe-foucault-margareth-rago/>>. Acesso em: 1 set. 2015.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. / Raquel Recuero – Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.